

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

17.º Anno

11 DE DEZEMBRO DE 1894

XVII Volume — N.º 575



O ACTOR TABORDA

Gravura do sr. Caetano Alberto

(Cópia de uma photographia do sr. Goes)



CHRONICA OCCIDENTAL

Publicou-se ha dias em Paris um livro de Hugues Roux, intitulado *Notas sobre a Noruega*, a que dá uma grande actualidade esse fanatismo por Ibsen e pela litteratura norueguesa, que ultimamente deu n'um certo numero de espiritos francezes atacados de *exotismo*, paixão litteraria a que um critico illustre da França deu o nome de *petit sport parisien* e que começa agora a chegar a Portugal, um pouco tarde, como costumam sempre cá chegar os *figurinos* parisienses.

A respeito d'essa mania que tem certas pessoas, que para se darem ares de muito entendedoras gostam muito d'aquillo que não percebem, e quanto menos entendem mais applaudem; uma anedocta parisiense cheia de philosophia.

N'uma casa muito burgueza, mas toda embebida da chamada arte nova, havia quasi todas as noites uma especie de *cenaculo litterario*, em que se exaltava com enthusiasmo delirante a litteratura norueguesa e se dava cargas a fundo na pobre litteratura franceza antiga e moderna.

Uma noite appareceu um conviva que disse saber noruegues!

Foi um delirio na assembleia, todos o cercaram, todos lhe supplicaram que lêsse algumas poesias e algumas scenas de varias peças norueguesas, no texto original.

O feliz mortal que sabia noruegues, leu n'essa lingua, varios trechos que lhe apresentaram e que foram ouvidos em extasis pelo auditorio, que não percebia uma palavra sequer de noruegues, o que não obstou a que achasse tudo aquillo extraordinario, sublime, e lhe fizesse uma ovação colossal.

Terminada a leitura a dona da casa pediu, quasi de mãos postas ao leitor, que lhe escrevesse no seu album duas linhas do texto da poesia que acabára de recitar e a traducção d'essas linhas.

O rapaz accedeu gentilmente ao pedido e escreveu no album duas linhas do texto noruegues:

*«Iulec inq tem nu nierf à al rueruf sed stolf lias
issua sed stnahcem retèrra sel stolpmoc»*

E por baixo escreveu a traducção:

«A consciencia humana sóbe das trévas; é o astro ainda molhado pelas ondas do mar que se ergue.»

Este pensamento foi applaudido freneticamente, repetido por todos com um respeito religioso e considerado como sublime, maravilhoso, quasi sobre natural.

Cada um dos convivas, com afan, com fervor como se se tratasse d'uma reliquia milagrosa, copiou a seu turno o famoso pensamento, em noruegues, n'essa lingua que, diziam elles, repetindo as palavras sem as entenderem, diz tanta coisa em tão poucas palavras, e tantas coisas mais deixa ainda adivinhar, e a *soirée* acabou.

No dia immediato um dos convidados apresentou no *cenaculo* um verdadeiro noruegues, um patricio do proprio Ibsen, em carne e osso.

A dona da casa foi logo mostrar-lhe, como um thesouro precioso, os dois versos em noruegues, que tinha no seu album.

O homem andou para traz e para deante e não foi capaz de traduzir os versos.

É muito vermelho, muito compromettido, declarou que aquillo não era noruegues!

Espanto e assombro geral.

—Não é noruegues? perguntou a dona da casa quasi fulminada: Então o que é?

—É troça! respondeu o noruegues, continuando a examinar o manuscrito, é francez ás avessas, de traz para diante.

E indignados os enthusiasmas do famoso pensamento genial, lendo de traz para deante o texto que tanto os fizera delirar, leram: «*Celui qui met un frein à la fureur des flots sait aussi des mechants arrêter les complots!*» Um verso de Racine que servira ao trocista para fazer a sua *fumisterie!*

Ao mesmo tempo que a mania da litteratura norueguesa é assim ridicularizada em anedoctas, por outro lado é atacada a serio e com talento, com vehemencia e com bom senso, em plena Aca-

demia Franceza por um dos primeiros auctores dramaticos da França contemporanea, Eduardo Pailleron, o famoso auctor do *Monde où l'on s'en-nye*, de *L'âge ingrat* e dos *Cabotins!*

Pailleron, fallando ácerca de Labiche, o grande auctor comico, e depois de contar algumas anedoctas curiosas da mocidade do auctor do *Per-ri-chon*, do *Dont di le dire*, do *Chapeu de palha d'Italia*, depois de fazer o elogio, a apothose da sua enorme obra theatral, referiu-se ás novas escolas theatraes, aos fanaticos do exotismo e vibrou-lhes golpes fundos.

«Hoje em França, disse elle, um auctor já não se atreve a ser francez. Está fóra da moda, é quasi ridiculo. Ao mesmo tempo que o respeito pelas nossas glorias se perde, perde-se tambem o sentimento dos nossos valores nativos. Despresamos os nossos compatriotas, não admiramos senão os estrangeiros. E ao estrangeiro que nós vamos procurar os nossos mestres. Mau signal! A anarchia ganha terreno. A nossa litteratura e a nossa arte já tem os seus «*Sem patria*». Estamos a desnaturalisar nos por gosto.

«Seja como fór, até hoje, graças a Deus! o nosso paiz recusa-se a reconhecer a utilidade publica d'essa sociedade franceza de acclimação estrangeira: não pode admitir que o bom senso, nem mesmo «o senso commum», sejam sedicões, «vieux jeu»: continua a querer comprehender aquillo que o querem fazer admirar, a não se enthusiasmar sem saber porque. Ao vinho turvo das cepas exoticas, continua a preferir o vinho puro das suas vinhas. Gostava do seu Labiche e continua a gostar.

«Labiche não analysava estados d'alma desconhecidos em paginas incompreensíveis. Não desimulava sob a solemidade ambiciosa da expressão, a banalidade do assumpto e a infantilidade laboriosa da analyse. Não procurava ideias para as suas palavras; procurava apenas palavras para as suas ideias. O que se chama hoje emphaticamente a linguagem, era a menor das suas preoccupações: as suas peças eram mais falladas do que escriptas, mas ao menos, quando mostrava a lanterna magica, a sua lanterna tinha luz, não estava ás escuras.

«Não tinha essa mania de parecer forte, que nos atacou desde que somos fracos.

«Não nos servia esses *hocnos de vida*, sem ligação, sem logica, sem composição, sem interesse, a pretexto de que a nossa existencia não passa d'uma serie de acasos incoherentes, o que é falso em theoria, mas infinitamente mais commodo, na pratica, para o auctor. Não era azedo, nem melancolico, nem nebuloso. A sua observação era exacta, a sua execução nitida, a sua satyra alegre. Não tinha alma scandinava nem hollandeza, tinha a alma franceza. E é por isso que os francezes gostam d'elle!

Em Lisboa houve um grande acontecimento theatral que fez enorme sensação — a appareição de Taborda, no theatro de D. Maria representando o *Medico à Força*, uma das mais brilhantes e gloriosas creações artisticas do glorioso e brilhante repertorio de Taborda, o grande artista portuguez que occupa logar proeminente entre os maiores artistas do nosso theatro contemporaneo.

O nosso estado de saude, não nos permittio assistir a essa *première* que foi uma festa grandiosa, como raras se tem feito no nosso theatro, uma ovação constante a Taborda, desde a entrada em scena até ao final da peça, final em que todos os artistas de mais alta cathogoria do theatro de D. Maria tomaram parte, em papeis de comparsas, em homenagem ao grande Taborda, para quem essa noite foi uma verdadeira apothose.

Foi uma festa verdadeiramente excepcional ao talento colossal de Taborda e á sua primorosa arte, e essa festa, essas ovações teem-se repetido nas noites seguintes do *Medico à Força*, que conta as enchentes pelas suas representações.

No fim do espectáculo, na primeira noite, o publico esperou Taborda á porta do theatro e acompanhou-o em massa, até ao Elevador da Gloria, applaudindo o, aclamando o enthusiasmicamente, ruidosamente.

Toda a gente sabe o desempenho verdadeiramente extraordinario que Taborda dá ao papel de Sgnarello, um trabalho de mestre consumado, que figura como modelo de talento, de correcção, d'arte e de naturalidade, entre as mais gloriosas creações theatraes da arte dramatica portugueza e que só por si bastava para immortalisar um actor.

OCCIDENTE em homenagem a Taborda e para registar aqui o seu extraordinario e merecidissi-

mo successo, publica hoje o retrato do grande artista.

Falleceu no dia 1 do corrente ás 9 horas e meia da noite no seu palacio do Largo do Mitello e sepultou-se á 1 hora da tarde do dia 3 no seu jazigo de familia, no Alto de S. João, o sr. marquez de Pomares, um fidalgo de raça, um homem de bem ás direitas e ao mesmo tempo um homem bom, que exerceu altos cargos administrativos em Lisboa, que figurou muitos annos na politica portugueza sem se macular, sem se enxovalhar, sem ter inimizados nem odios, vivendo e morrendo bem com todos, querido e respeitado por todos, não deixando atraz de si senão saudade, benções e lagrimas!

O marquez de Pomares viveu e morreu sem inimigos, apesar de occupar uma posição eminente na sociedade, apesar de ter lidado com muita gente, de ter grande valor e grande importancia.

É um caso infelizmente quasi excepcional nos tempos que vão correndo.

O marquez de Pomares, D. Luiz Maria da Luz de Carvalho Daun e Lorena, nasceu na freguezia da Lapa, em Lisboa, em 9 de março de 1828, contando portanto 66 annos e meio de idade.

Filho dos segundos condes da Redinha, neto paterno dos terceiros marquezes de Pombal e materno dos primeiros marquezes de Sampaio; o marquez de Pomares casou ha 34 annos com sua sobrinha a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Manuela de Brito e Castro de Figueiredo e Mello da Costa, uma senhora de raras virtudes que foi sua companheira extremecida e extremosissima.

O marquez de Pomares foi em varias legislaturas deputado ás côrtes e estava filiado no partido progressista, exerceu por tres vezes o cargo de governador civil de Lisboa, e por tres vezes tambem foi eleito vereador municipal, sendo nas duas ultimas vezes presidente da camara. Era vogal extraordinario do Supremo Tribunal de Justiça, par do reino vitalicio, presidente da assembleia geral da Companhia dos Tabacos, vice-presidente da Cruz Vermelha, e presidente da commissão 1.^a de Dezembro e da grande commissão da subscrição nacional.

Foi nomeado marquez em 1888, era provedor do Asylo de Nossa Senhora da Conceição para raparigas abandonadas, asylo que elle protegia muito, que lhe merecia muita sympathia e ao qual deixou no seu testamento um legado de 500000 réis.

Toda a gente conhecia o marquez de Pomares e toda a gente o estimava tanto pela sua honradez, como pela sua bondade, pela bonhomia e delicadeza com que a todos attendia tanto ricos como pobres, pela caridade generosa e modesta com que procurou metigar todos os infortunios soccorrer todos os desgraçados. Morreu um homem honesto, morreu um santo homem!

Não conheço mais eloquente necrologio.

Gervasio Lobato.

O ACTOR TABORDA

A biographia do Taborda! Um assumpto para um grosso volume, que nós temos que accomodar n'um pequeno artigo, n'um unico artigo pois nem sequer nos é dado escrever-lhe por baixo *continua*, pois o numero que vem é o nosso numero do Natal e o ultimo do presente volume!

O que vale é que não necessitamos de escrever longos periodos apreciando o artista, explicando quem elle é, fazendo o seu elogio, esboçando a sua apothose, porque muito melhor que o faria a nossa rhetorica o faz o nome d'elle, a popularidade que em Portugal, Brazil e Hespanha tem o nome illustre d'esse grande artista portuguez, aureolado pela gloria que recomenda o nome glorioso d'aquelle que é unanimemente considerado por todos que o tem visto representar uma vez sequer, o mestre dos mestres, o primeiro actor de Portugal.

E esta classificação de primeiro entre os primeiros é indiscutivel e indiscutida, de ha muito que lh'a concedeu o publico, a critica e até os seus proprios collegas, os officiaes do seu officio, os artistas mais illustres que são honra e gloria da scena portugueza, como ainda ha noites publicamente, espontaneamente, brilhantemente o demonstraram com a apothose que lhe fizeram no Theatro de D. Maria, quando Taborda ali appareceu fazendo uma das suas creações geniaes o *Medico à Força*.

E porque o nome de Taborda diz só por si tu-

do o que do grande artista ha a pensar, porque escrever esse nome é o mesmo que escrever — grande talento, suprema arte; genial intuição, inexcelsa naturalidade, passamos sem mais exórdio à simples e rápida historia da sua longa e gloriosa carreira artistica.

Francisco Alves da Silva Taborda tem 71 annos de idade e 50 de vida theatral, 50 annos que tem sido uma successão não interrompida de triumphos e d'ovações, a vida mais brilhante de actor que tem havido em Portugal.

Taborda nasceu em Abrantes aos 8 dias do mez de janeiro de 1824, dois mezes depois de seu pae ter fallecido.

Só com sua mãe, que elle adorava e que o estremeria a elle, viveu em Abrantes até aos 10 annos. Depois precisando de educar-se, de se fazer homem, de ganhar a vida, veio para Lisboa para casa de seu avô e de suas tias, na Travessa da Queimada n.º 21, 1.º andar e ali começou os seus estudos sem aspirações de grandezas, ambicionando apenas preparar-se para um emprego qualquer modesto, que lhe garantisse os meios de ganhar o pão para si e para sua querida mãe e para não ser pesado ao avô e ás tias que o estimavam immenso, mas que também não viviam em grandezas.

Foi no collegio de seu tio Gilberto Antonio Rolla que elle aprendeu as primeiras letras e apenas se apanhou sabendo ler e escrever elleahi vai á procura de emprego, porque não tinha tempo nem posses para estudar mais. Como de costume não faltaram promessas ao pobre rapaz que, desprotegido de altas protecções, entrava na vida, mas como de costume também essas promessas nunca passaram de promessas e Taborda desesperando de encontrar melhor emprego, deitou a mão ao primeiro que lhe appareceu em realidade, o de aprendiz de typographo, comprehendendo como diz o proverbio, que vale mais um passaro na mão que dois a voar. A typographia que o recebeu, e ainda assim de graça, foi a typographia de Sousa Neves — na Rua do Loureiro, para onde entrou como aprendiz de typographo e um bocadinho como creado da casa.

Passado pouco tempo o Neves estabeleceu-lhe a soldada de seis vintens por dia util e Taborda ainda hoje se recorda da alegria enorme que teve no sabbado em que recebeu 720 réis, a sua primeira feria, o primeiro fructo do seu trabalho!

Mezes depois o Taborda encontrou outra typographia em que lhe offereceram maior soldada — 320 réis por dia util. Era já quasi que uma riqueza. Essa typographia pertencia ao Motta, do Rocio, e Taborda foi para ali compor cautellas da loteria, listas geraes, cartazes de touros e cartazes de theatro.

Muito bem tratado pelo seu mestre e pelos seus collegas, com a vida mais tranquilla pelo desafogo dos seus 16 vintens diarios, Taborda começou, como rapaz que era, a querer gosar o seu bocadão, a divertir-se nas horas que o seu trabalho deixava de descanso e o divertimento que escolheu foi a theatrada.

Fez-se socio d'um theatrinho particular que então havia na Rua do Arco a S. Mamede, o *Theatro Timbre*.

Ao principio não se divertiu muito. Teve também que fazer a sua aprendizagem como curioso dramatico e nas 5 ou 6 primeiras peças em que entrou em scena, não conseguiu fallar — fez apenas personagens mudos, convidado de *soufflé* ou criado silencioso.

Por fim chega o momento de ser promovido a personagem fallante, no *Hollandez ou pagar o mal que não fez*, e depois n'uma farça do fallecido academico Rodrigo Felner, *Quem tem masella tudo lhe dá n'ella*, peça que Taborda tinha visto representar na Rua dos Condes e que estava então muito em voga pelo excellente desempenho que lhe dava o Sargedas.

Em 1846 o Motta, o dono da typographia em que trabalhava o Taborda foi atacado pela mania theatral e fez-se empresário do Theatro do Gymnasio, e offereceu uma escriptura de 10.000 réis mensaes ao seu aprendiz, que viria representar algumas vezes no theatro *Timbre*. Taborda ficou louco de alegria, era a gloria, a realisação do seu sonho dourado, o ser actor e ao mesmo tempo era a riqueza porque o Motta ao passo que lhe dava 10.000 réis como empresário, mantinha-lhe as seus 320 réis de typographo. E foi o que valeu ao Taborda o terem-lhe mantido o seu salario de typographo, porque os taes 10.000 réis mensaes de actor nunca os viu.

A escriptura assignou-se na quinta feira d'En-

doenças de 1846 e Taborda debutou no dia 13 de março. — Vão lá acreditar em enguços vendo a carreira triumphal do grande actor, n'um drama de Cesar Perini di Lucca, então professor de declamação no Conservatorio Real de Lisboa, drama intitulado segundo o sabor da epocha — *Paqueta ou os fabricantes de moeda falsa!*

Os taes fabricantes de moeda falsa, não deram moeda verdadeira ao theatro e ao cabo de tres mezes de exploração infeliz, o theatro do Gymnasio fechou, a empresa Motta quebrou e Taborda não conseguiu ver sequer as cruces ao seu dinheiro e em materia de theatro teve que contentar-se em fazer cartazes!

Alguns artistas da companhia fallida associaram-se então para explorar por sua conta o Gymnasio, o Braz Martins, o Pereira, o velho Moniz, o Brêa, o Reis, o Vasco e o Taborda, e foram pedir ao celebre Emilio Doux que os dirigisse.

Foi então que Emilio Doux, que era muito entendido em theatro e que foi o mestre de todos os grandes actores do tempo, deu a sua grande raia em questões de arte e fez uma prophacia desastrada. Não se limitou a achar Taborda sem talento, sem geito, sem vocação, sem feitiço para o theatro; foi mais longe, prophetizou que elle nunca seria actor, aconselhou-o que seguisse outro officio.

D'ali a poucas mezes, não foi necessario muito tempo, Taborda mostrou ao mestre o que a sua prophacia valia. Aquelles que Emilio Doux achava com talento, com futuro certo, e que lhe apontara como modelos a imitar; o pobre Marques, o Vasco, começaram a sumir-se nas trevas da mediocridade sem ninguem mais fallar n'elles, e Taborda começou a pôr-se em evidencia, a ter successos sobre successos, a caminhar rapidamente para a região luminosa dos grandes artistas, a conquistar dia a dia o lugar proeminente entre todos os grandes actores da nossa terra. A *marqueza*, a opera comica do maestro Miró, foi a primeira peça em que Taborda principiou a dar nas vistas, em que começou a sorrir-lhe a sua *boa estrella*, como elle lhe chama, na sua excepcional modestia, que attribue sempre todos os seus triumphos a sua boa estrella, em vez de os attribuir, como devia e como é ao seu extraordinario talento.

Depois da *Marqueza* os auctores dramaticos então mais em voga, o Mendes Leal, o Paulo Midosi, que depois se tornou um intimo inseparavel do Taborda, o conde de Farrobo, que se afficouo também deveras a elle, começaram a dar-lhe papéis importantes nas suas peças: o Francisco Xavier da Silva, o auctor da *Volhice enamorada*, deu-lhe o papel de Simplicio Paixão, n'essa peça que teve grande nomeada, papel que foi uma das suas primeiras creações notaveis, Francisco Palha deu-lhe o papel do *Andador das almas*, a magnifica parodia da *Lucia*, em que Taborda é positivamente extraordinario.

Em 14 de junho de 1849 Taborda casou, com a santa e virtuosa senhora, que tem sido companheira affectuosa e dedicada de toda a sua vida.

Em 1853 vem abençoar o feliz lar de Taborda, uma filhinha cujo nascimento encheu o Taborda de alegria. Dias depois o grande artista teve, cheio de saudade, de se separar da filha e da esposa por dois mezes. Elle bem desejaria ficar e deixar-se de viagens, mas o theatro do Gymnasio estava em obras grandes, obras que o transformaram radicalmente e El-Rei D. Fernando que admirava muito o Taborda como artista e que o estimava muito como homem, offereceu-lhe 50 libras para elle ir a Paris ver e estudar os grandes modelos. Taborda tinha já na sua mão o dinheiro e não queria deixar d'ir fazer aquella viagem, em que o augusto soberano tanto se interessava. Fez das tripas coração e foi. Havia um embaraço grande, Taborda não sabia uma palavra de francez. Julio Cesar Machado, o desgraçado e querido Julio, que era muito amigo de Taborda e que então era traductor effectivo do Gymnasio, fez-lhe durante um mez, ás noites, no seu camarim, nos intervallos dos actos, um curso de francez. Taborda lá foi com uma bagagem rasavel de significados, e serviu-lhe de muito em Paris. «Eu entendi-os, dizia na volta, Taborda, muito contente com os francezes, agora se elles me entenderam é o que eu não sei!»

Em fins de 1852 inaugurou-se o Gymnasio novo, assistindo á inauguração a sr.ª D. Maria II e el-rei D. Fernando. A empresa, composta de actores foi muito feliz, e Taborda foi já a estrella d'essa companhia até 1861, em que a sociedade se desmanchou.

Taborda começou então a fazer as suas *tournees* artisticas pela provincia, percorrendo pouco a pouco quasi todas as cidades e villas do paiz, sendo por toda a parte muito victoriado e por

toda a parte ganhando muito dinheiro com espectaculos quasi que exclusivamente constituídos pelas suas scenas comicas e cançonetas.

Os commissarios regios do governo, que successivamente administraram o theatro de D. Maria, o D. Pedro Pinto do Rio, o D. Antonio da Costa, o Francisco Palha, instaram muito todos elles com Taborda para que elle se escripturasse no theatro normal, mas Taborda recusou-se sempre, porque não queria deixar o seu Gymnasio.

Em 1865 El-Rei D. Luiz convidou Taborda a ir a Mafra dar um spectaculo no dia da distribuição de premios, aos alumnos da escola dos filhos dos soldados. Depois do spectaculo El-Rei D. Luiz convidou Taborda a ceiar a sua mesa, esteve conversando muito tempo com elle e ao despedir-se, pôz-lhe ao peito o habito de S. Thiago.

Quando em 1869 se inaugurou o theatro da Trindade, Taborda por convite de Francisco Palha escripturou-se no novo theatro, debutando no *Procopio Baeta*, imitação de Paulo Midosi do *Mr. Chouffley* e teve um enorme successo, tanto o Taborda como a peça, que era magistralmente desempenhada pela Delphina, Rosa Masceno, Queiroz, Leoni e Isidoro.

Em 27 de maio de 1871 Taborda partiu para o Brazil, com o photographo Henrique Nunes, em *tournee* artistica que durou 3 mezes. Taborda fazia scenas comicas e Henrique Nunes expunha panoramas photographicos.

Fizeram os dois farta colheita de applausos e de libras. Taborda teve um successo colossal, foi aclamado vivamente no Rio, na Bahia e em Pernambuco e trouxe para Lisboa um bom pecullo, parte do qual, 2 contos de réis, perdeu totalmente com a quebra do *Credito industrial* onde tivera a má sorte de os depositar. De volta a Lisboa esteve dois annos sem se escripturar, representando apenas em beneficios de collegas e em recitas de caridade.

Em 1873 tendo Xavier de Almeida um excellent e honrado rapaz que ha annos falleceu, tomado a empresa do Gymnasio, Taborda escripturou-se no theatro onde se estreara e que era o theatro da sua predilecção, e ali trabalhou muito com grande exito, fez excellentes creações como o *Aflhado de Pompiñac*, representou *Os Medeos* uma das suas grandes glorias, as *Recordações da mocidade*, que já representara no Porto, e entre essas peças deu a penna que escreve estas linhas e que desde que começou a frequentar o theatro teve por Taborda o verdadeiro fanatismo que inspira o grande talento e a estima que inspira sempre um grande caracter, a honra de ser o protagonista da sua primeira peça original, uma comedia em 3 actos, *Debaixo da mascara*, representada em abril de 1873, em beneficio de Maria Adelaide, por esta desditosa actriz e pela Emilia dos Anjos, Isidoro, João Rosa, Augusto Rosa e Carlos d'Almeida.

Em 1875 Taborda adoeceu gravemente com uma pneumonia; esteve um tempo retirado do Gymnasio, foi convalescer para a provincia e depois andou em digressão artistica por Portugal.

Em 1876 voltou para o Gymnasio de que eram então empresarios Polla, Leopoldo, Maria das Dores e Emilia dos Anjos.

A primeira peça em que reapareceu foi *Os casamentos de conveniencia* de Rangel de Lima.

No dia 23 de setembro de 1876 morre o actor Izidoro, seu amigo intimo, seu collega querido com quem representara dezenas de entre actos, em que os dois eram inimitaveis como: *Por um triz*, *os Dois candidatos*, *Para as eleições*, *Um quarto com duas camas* etc. e o abalo que soffreu com essa morte foi tão grande, que no dia do enterro de Izidoro estando já vestido no camarim do Gymnasio, para entrar em scena, a sua commoção era tamanha, que a empresa resolveu não dar spectaculo n'essa noite para não obrigar Taborda a grande violencia de representar n'aquelle estado.

Em setembro de 1878, o sr. José Joaquim Pinto, que foi durante muitos annos empresario do theatro de D. Maria, juntamente com o actor Santos, tomou o theatro do Gymnasio e Taborda entrou para a companhia.

A peça de abertura foi o *Penacho* de Goudinet que mais agradou: Seguiu-se-lhe o *Amigo dos Diabos* que teve um grande successo e em que Taborda era inimitavel.

No anno immediato o grande actor soffreu um crudelissimo golpe — a morte da sua estremeria mãe.

Na noite da morte e na noite do enterro, os theatros do Gymnasio e da Trindade não deram spectaculo em homenagem á profunda dôr do grande artista.

Em 14 d'outubro Taborda ensurdeceu. Nas pri-

OS IMPERADORES DA RUSSIA



O TZAR NICOLAU II



A TZARINA ALEIXA FEODOROWNA

meiras semanas de surdez, andava d'uma tristeza que metia dô; não queria representar mais; fazia-lhe um grande terror estar em scena não ouvir as deixas, ver que todos estavam a fallar e não ouvir nada, sentia apenas esse silencio vago, mysterioso terrivel, que faz a grande melancolia dos surdos.

Os collegas, os amigos começaram a animal o, e o sr. Monteiro, velho amigo de Tabor da e um dos seus autores favoritos de scenas comicas e de cançonetas, escreveu-lhe um a proposito comico para a noite do seu beneficio— *A' espera do estalinho*.

E Tabor da sempre apprehensivo, sempre tristonho lá continuou a sua carreira sem que por causa da surdez os applausos, as ovações deixassem de vir ao seu encontro.

Em 1881 teve elle no Gymnasio um triumpho colossal com a comedia a *Voz do sangue*, que fez epocha e que representou mais de 70 vezes a fio.

N'esse anno foi a Paris consultar os especialistas. Voltou com a mesma surdez com que fôra mas com menos dinheiro.

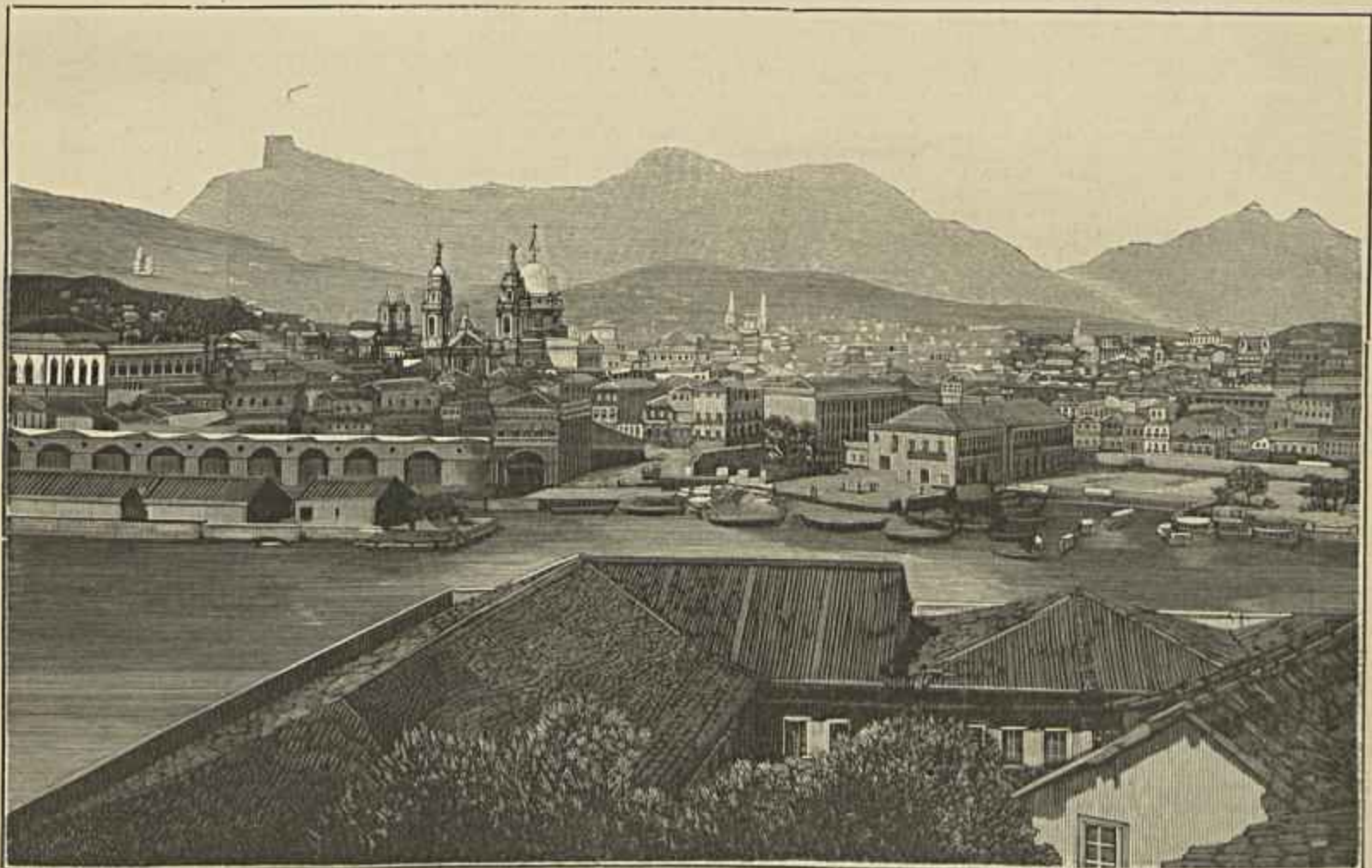
Alguns amigos de Tabor da, como o conselheiro Thomaz Ribeiro, dr. Moreira da Fonseca e Manuel Vieira d'Andrade começaram então a tratar de lhe alcançar a reforma. Quem apresentou na Camara dos Deputados o projecto de lei para essa reforma extraordinaria, mas tão justa, tão bem merecida, para quem tanto engrandecceu a arte portugueza e



FERNANDO LESSEPS — FALLECIDO EM 6 DO CORRENTE

tanto levantára o nosso nome artistico, foi o sr. Luciano Cordeiro. O projecto foi approvado quasi por unanimidade, e o decreto concedendo a reforma ao grande actor, depois de 36 annos de serviço constante e glorioso, foi assignado por El-Rei D. Luiz em 8 de Fevereiro de 1883.

Depois da sua reforma o Tabor da nunca mais se quiz escripturar: só tem feito as suas scenas comicas, os seus deliciosos entre-actos aqui e ali, em beneficios e em festas de caridade, e só fez 5 creações novas e todas ellas esplendidas. O sr. *Albergaria*, o *Albergado Albergaria*, scena comica de Eduardo Garrido, escripta expressamente para um beneficio dos *Albergues Nocturnos*, no theatro de S. Carlos; o veterano da comedia *Patifa da Primavera*, no Gymnasio o *Bravo do Mindello*, cançoneta traduzida por Accacio Antunes, o *Zé Palonso*, farça escripta por D. João da Camara, Lopes de Mendonça e a penna que escreve estas linhas, para um beneficio da *Crèche Santa Eulalia*, no theatro da Rua dos Condes, farça em que Tabor da representou com a grande cantora Helena Teodorini, a Jesuina, a pobre Amelia da Silveira, o Valle, o Dias, o João Rosa e o Meilo; e o *Festim de Balthazar*, farça escripta e ensaiada para uma unica representação no theatro de S. Carlos, no beneficio para a *Sopa Economica* aos operarios sem trabalho, promovida pela Associação Industrial sob a alta protecção de Sua Magestade a Rainha a sr.^a D. Amelia e



UMA VISTA DO RIO DE JANEIRO — A ALFANDEGA

(Copia de uma photographia)

d'uma commissão de senhoras presidida pela sr.^a Duqueza de Palmella, peça em que se reuniram os primeiros actores e atrizes comicas que ha nos theatros de Lisboa.

O repertorio de Tabora é enorme, e é difficilissimo n'elle fazer escolha das peças de maior exito, porque são rarissimas as peças que não o tem tido entrando elle, para escolher das suas mais notaveis creações porque todas ellas são notabilissimas, e por isso citaremos ao acaso aquellas que nos occorrem, umas as mais antigas, pela tradição gloriosa que tem, outras, aquellas em que o temos victoriado e que nunca esquecem vistas uma vez representadas pelo Tabora :

Pedro o Teelão, Nem Cesar nem João Fernandes, A quem Deus promette, Um beijo ao portador, A porta da rua, Os Homens Ricos, A senhora da Bonança, Os dois primos, Miguel o torneiro, Os dois mudos, O sol d'inverno, O filho familia, O misanthropo, O mentiroso, O dueto de Moysés, que Tabora representava com o Benaventano, As recordações da mocidade, O avô, A mulher do Papá, Os casamentos ricos, A medicina de Balsar, Os maridos de 50 annos, O doente de scisma, Inglez e Francez, O dinheiro do anão, Em guerra particular depois da paz geral, Os Campanologos, Quem é o pae da creança, Diloso fado, Amor Londrino, Flôr de chá, Tio Torquato, Cantor cosmopolita, Zé do capote, Boas razões, Amor pelos cabellos, Que pena era tão lindo! Effeitos do vinho novo, Reflexões d'um bailarino, Amigo Banana, Ventura o bom velhote, Tio Matheus, etc., etc.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

OS IMPERADORES DA RUSSIA NICOLAU II E A TZARINA ALEIXA FÉODOROWNA

E' proverbial o affecto que a plebe moscovita vota ao seu tzar : os russos adoravam o fallecido imperador Alexandre III, tributando culto ás suas tão singulares virtudes e gratos á sincera dedicação que manifestou sempre a favor do bem de seus povos. Captivava-os a moderação e a firmeza, mediante as quaes o autocrata, durante o seu prospero governo, conseguiu manter, sem quebra, a paz e, ao mesmo tempo, rodear-se dos elementos de força necessarios para não temer a guerra.

Entrava, aliás, e muito, n'esta afeição, por assim dizer, filial, um tanto ou quanto de superstição: — o cuidado e o apparente zelo com que a Providencia protegeu, ainda nos transe de maior perigo, a preciosa vida do tzar, — do pae do povo — actuavam poderosamente na imaginação do *Mudjick* slavo. Affluia pois, com extraordinaria anciedade, a multidão por todo o caminho, a ver passar o comboio que o transportava, em camara ardente, desde o seu palacio de Livadia até á capital da Russia, o atauda que encerrava os restos mortaes do pranteado imperador. Vinham todos, á uma, saudar com o ultimo adeus, seu pae e senhor, antes de elle ir, para todo o sempre, repousar, a par de seus antepassados, na crypta da cathedra de S. Pedro e S. Paulo, sua mansão derradeira.

Comquanto o salmento, ao uso moderno, viesse em caminho de ferro, mantinha, nas demais circumstancias, as rigorosas tradições da pragmatica moscovita. Parava o comboio nas cidades e povoações principaes, e o atauda era deposto sobre uma eça ricamente armada, conservando-se em publica exposição durante algumas horas, celebrando-se, além das festividades religiosas, jogos publicos e banquetes fúnebres, em que eram distribuidos, á fôrta, cerveja e variados manjares, — tudo isto, conforme a usança moscovita, pago do proprio bolsinho do tzar.

Chegou, no dia 19 de novembro, o salmento á capital, onde foi recebido por numerosissimo cortejo, no qual figuravam os funcionarios publicos todos do imperio; militares; marinha, etc.; e as principaes corporações, representantes da cidade e do paiz todo. Realisou-se a cerimonia com grande pompa e fausto, usuaes, em taes casos, na côrte da Russia. Todos os estabelecimentos fecharam suas portas, e os predios armaram de lucto. Im-

mensa multidão guarnecia as ruas por onde veio desfilar o prestito.

Seguiam a pé, o atauda, o tzar e seus irmãos; atraz d'elles os principes todos, representantes estrangeiros e, em carruagem, a imperatriz com as princezas. Levou tres horas o prestito a desfilar, até que chegou á cathedra. Depois da missa de *Requiem*, o cadaver ficou em exposição publica.

Entra, porém, na ordem natural das coisas, que o fallecido monarcha, o filho e herdeiro d'este, apartado-se do leito de dor, se encaminhe, acto continuo, a subir os degraus do throno vago. Decorridos breves dias, o troar do canhão vinha anunciar aos habitantes de S. Petersburgo que lhes cumpria depôr os signaes de dó e intrajarem-se de gala. — No dia 27 de novembro, uma salva de 21 tiros, disparados pela fortaleza de S. Pedro e S. Paulo, lembrava á cidade que ia celebrar-se o acto nupcial de Nicolau II, tzar de todas as Russias; e da princeza Aleixa de Hesse. As 11 horas, praso marcado para a cerimonia, formavam alas nos salões e galerias do palacio imperial, os dignatarios todos, fardados de grande gala, e as damas em ricos trajos de côrte; — côr de laranja, recamados de ouro. Cingia a fronte á noiva a côrta imperial e pendia-lhe dos hombros manto de brocado, forrado de ricos arminhos. O vestido de casamento, verdadeiro primôr d'arte, fora todo lavrado pelas delicadas mãos das damas de honôr.

Iam por caudatarios da princeza quatro officiaes môres do paço. Uma salva de 21 tiros annunciava a partida do cortejo.

Rompiam a marcha, á frente do prestito, os altos funcionarios; depois a imperatriz viuva, acompanhando a noiva, e logo atraz, o novo tzar; o ministro da imperial casa e generaes ajudantes do soberano; o rei da Dinamarca, avô materno do tzar Nicolau; o rei e a rainha da Grecia; o grã-duque de Hesse, cunhado do tzar; o duque e a duquesa de Coburg; o principe de Galles; o principe da Rumenia; o principe Waldemar e o principe Jorge da Grecia; o duque de York; o principe Henrique da Prussia; princeza Maria e principe Guilherme, de Baden; princeza Eugenia de Oldenburg; duques Jorge e Miguel de Mecklemburg-Streititz; princeza Helena e principe Alberto de Saxonia e Oltenburg.

Em seguimento a estes iam os principes e damas da côrte; princezas estrangeiras; senadores e secretarios de estado. Os representantes diplomaticos todos, com suas esposas e o conselho de estado fóram directamente para a egreja, acompanhados do mestre das ceremonias.

A' porta da basilica cathedra, o pope metropolitano de S. Petersburgo, rodeado pelo Santo Synodo e com acompanhamento do clero da côrte, esperava os noivos. Estes vieram occupar seus lugares no riquissimo throno, armado ao meio da nave central do templo, e d'ali assistiram aos officios divinos. As alianças, apresentadas em salvas de prata, aos nubentes, pelos arcepresbiteros da côrte, foram pelo capellão enfiadas nos dedos de ambos. Seguiu-se a benção nupcial; as preces, e o desfilar do cortejo a felicitar os noivos. Terminou o ceremonial solemne *Te Deum*, e uma salva de 300 tiros, da artilheria da fortaleza, annunciava ao povo russo o enlace matrimonial do tzar, imperador orthodoxo, o autocrata Nicolau Alexandrevitch, com sua esposa orthodoxa, a tzarina Aleixa Féodorowna.

Os noivos foram depois nos côches de gala d'ali para a egreja de Kazan, onde se cantou outro *Te Deum* em acção de graças pelo enlace; e, da egreja, finalmente, dirigiram-se para o palacio Anitchinoff, onde os esperava a imperatriz viuva, e onde se repetiu de novo o ceremonial de homenagens e cumprimentos.

As egrejas de S. Petersburg celebraram todas officios divinos em acção de graças pelo casamento do tzar.

Nicolau II não apresenta, como seu pae, agigantada estatura, e constituição herculea. Não sae aos Romanoff: herdou da mãe compleição delicada e nervosa. A' muita instrucção e amor ao estudo, junta, dizem, extrema bondade de character; a qual, todavia, não exclue vontade firme. Sabe querer: isso herdou dos Romanoff; e, logo que assumiu as reas do poder, manifestou provas da sua muita authoridade. Zeloso e sollicito pelo futuro bem estar do seu herdeiro, collocou lhe o pae ao lado esposa extrema e digna, capaz de o auxiliar nos difficeis transe, inherentes ao pesadissimo, quanto penoso encargo de presidir nos destinos de tão vasto imperio, cuja politica influe poderosamente no andamento dos negocios europeus.

Com anciosa expectativa aguardavam as nações

os primeiros actos do seu reinado. Propenso ás ideias liberaes, grande admirador do movimento intellectual da França, paiz cujas manifestações artisticas lhe inspiram enthusiasmo, esperavam todos vê-lo inclinar-se no sentido do progresso; e, como só a paz pode trazer á Russia o progresso e a prosperidade, anticipavam vê-lo caminhar no trilho do imperador seu pae; de facto os primeiros passos do seu governo parecem não querer desmentir a geral expectativa.

A presença do principe de Galles na côrte russiana; a sua constante e assidua permanencia ao lado do tzar Nicolau, durante os periodos do rigoroso anojamento, acompanhando o feretro do finado imperador, desde Livadia até S. Petersburgo, e assumindo constantemente logar de honra, durante a funebre cerimonia, significam, decerto, alguma coisa mais do que uma aproximação entre a Grã Bretanha e o imperio moscovita. Em coincidência com tão importantes factos, operava-se um reviramento na publica opinião da Inglaterra em favor da sua inveterada inimiga — o urso e o leopardo encolhendo (de vez?) as unhas, fazem festas um ao outro, e a França applaude, mostrando-se contente e satisfeita. Estão, diz-se, lançadas as bases para uma aliança anglo-russa, e semelhante medida politica seria o prolongamento da paz: — contrabalançando a triplice aliança, garantiria sem duvida alguma, á Europa, o equilibrio politico, por uns tempos.

A darmos fé ás anticipações do jornalismo, esta projectada segunda edição da triplice aliança tem por base assegurar os interesses das tres grandes nações colligadas, relativamente a territorios da China.

Exerceriam ellas em commum protectorado sobre parte consideravel do Imperio do Meio, que tão escalavrado fica depois das ruidosas victorias dos japonezes; protegendo, cada qual, o *quinhão* que melhor conviesse a seus interesses e, ao mesmo tempo, atravessando uma represa á impulsiva corrente das pretensões de conquista que alguns vem já attribuindo ao Japão.

Está annunciada, para a proxima primavera, uma visita do tzar e da tzarina, á Inglaterra, onde tractam de preparar-lhe condigna recepção; e a visita é, sem duvida, destinada a estreitar entre as duas poderosas nações, os laços da recente amizade.

FERNANDO DE LESSEPS

Nenhum homem, por mais heroe e sublimado que se nos apresente, legou ao mundo obra tão valiosa e rica para a economia universal.

Nenhuma nação pôde prestar melhor do que a nossa a devida homenagem a Lesseps.

Quando Vasco da Gama contornou a Africa, coberto de perigos do desconhecido, mal diria elle que a sua derrota tão brilhante, nos seus resultados, seria encurtada quasi ao minimo. E se lh'o dissessem após os cruciantes perigos heroicamente soffridos e por dilatado tempo de viagem provados, como se não admiraria o grande almirante.

E essa modificação no caminho tão mysterioso e atrahente para os nautas do seculo XV e XVI, fez um homem, um só homem, *Fernando de Lesseps*, o grande francez que a cova agora recebeu, coberto de annos e abandonado dos louros que tão benemeritamente, em pró da humanidade, colheu, na sua genial obra — *O canal de Suez*.

Nasceu Fernando de Lesseps em Versailles, a 19 de novembro de 1805. Aos vinte annos era adido á legação de Lisboa. Depois foi consul em Tunis e, seguidamente, vice consul no Cairo e consul na Alexandria, no anno de 1833.

Em 1834 foi nomeado cavalleiro da legião de honra.

Em 1838 vemos que era consul na Hollanda, em Rotterdam; no anno immediato consul em Hespanha até 1843, primeiro em Malaga e depois em Barcelona. Foi n'esta occasião que Lesseps foi elevado ao grande officialato da Legião de Honra.

Em 1848, a 10 de abril, em seguida á proclamação da segunda republica, foi Lesseps, nomeado por Lamartine, ministro plenipotenciario da França junto á côrte de D. Isabel II de Hespanha.

Foi em outubro de 1854 que se ratificou o tratado entre o vice-rei do Egypto Mahomed Said-Pachá e Fernando Lesseps, para a abertura do istmo de Suez.

Começaram os trabalhos em 1855 e acabaram a 15 de agosto de 1869 pela abertura solemne do grande canal.

E então teve lugar a consagração que todas os Estados, pela bocca de mil canhões, prestaram ao grande francez.

SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

(Continuado do n.º antecedente)

II

AGUAS BASSADAS

Entretanto, o contentamento do sacristão foi pouco duradouro. Depois d'aquella surpresa, em que as attitudes compromettidas da filha e do engeitado, lhe tinham avivado as suspeitas, nunca outro successo identico veio mais reanimar o coração vacillante da sua alegria. De mais, para seu desespero, a sr.ª Domingas, agora, não perdia ensejo de expandir a sua exultação, pela indifferença com que Estevam e Clara se manifestavam nos actos mais insignificantes da sua vida domestica; era sempre palavras de regosijo, agradecendo, com clamor, a uma dezena de santos familiares, o milagre que tinham operado na amizade da filha, cujo nó ella começava a crer que não desatariá, afinal, em paixão. José Elias, quando ella começava a arengar estes jubilos, respondia lhe com insultos porcos, que ella, seraphicamente esconjurava com um attonito signal da cruz; e sabendo que a sr.ª Domingas, para attingir aquelle desejado epilogo, promettera uma vela de cera á Senhora dos Remedios, elle protestou que, se visse tal offrenda em casa, usaria d'ella como arrocho, no lombo da consorte. Desde este dia, a sr.ª Domingas foi mais moderada: mas no seu rosto resplandecia o mais debordante prazer, quando via o quasi desaffectedo com que se tractavam e se olhavam a filha e o pupillo.

E, todavia, a mais tranquilla felicidade embalava o amor dos dois. Confiados um no outro, Estevam e Clara tinham combinado disfarçar a sua ligação deante de todos, receando que a descoberta do seu segredo, desse um golpe fatal n'essa doce intimidade sob o mesmo tecto. Sabiam-se amados e deliciavam-se ambos no sacrificio de suffocarem as suas effusões. As suas entrevistas, a principio, realisavam-se pelas 10 horas da manhã, quando o Elias estava para a Sé e a sr.ª Domingas vadiava na compra das vidualhas domesticas.

Para ambos elles, aquella hora rapida e insufficiente, era o ponto fixo onde o seu pensamento, estimulado pelo desejo, se absorvia inteiramente; e aquella difficuldade de communicarem, eccendendo mais o seu amor, punha phrenesis desesperados no impetuoso animo de Estevam. Comtudo, assim foram soffrendo e vivendo mais de um anno. Ao fim de este tempo, como ao desejo de transmittirem mais livremente as suas effusões, não fosse bastante a pequena hora de que diariamente dispunham, Estevam, todas as noites, quando o somno da meia noite enchia de silencio a casa, sahia do seu quarto em palmilhas, e ia procurar entre os braços de Clarinha, o calor conjugal que faltava aos seus sonhos febris de adolescente sanguineo.

E entretanto que este acontecimento ia ligando tão estreitamente o destino d'aquellas duas creaturas, o José Elias impacientava-se por a amizade dos rapazes não acabar de desatar em paixão!

Estevam, aos 23 annos, estava homem feito. Alto e forte, já no seu rosto moreno, de linhas insinuantes, despontara uma barba pujante e negra, de que elle só deixava crescer livremente um bigode atrevido, de guias torcidas, que punha extasis nos olhos da sr.ª Domingas — extasis de quem nunca se conformara com o rapado sacerdotal da cara de seu marido.

Com esta transformação physica, foi-se paralelamente operando no seu espirito e nas suas maneiras, uma notavel mudança estimulada pelo ocio antipathico da sua vida; e ninguem diria, ao vê-lo, de cigarro ao canto da bocca, chalicear, pelas ruas, com creadinhas e costureiras, em attitudes pelintras, que era elle o mesmo rapazinho tímido, a quem os olhos suaves da filha do José Elias, tinham feito estremecer n'uma desordenada covardia, em certa manhã de julho, memoravel para o seu coração...

Em casa, todavia, continuava, sem differença, docil e submisso, no seu papel de pupillo estimado. As suas ausencias eram sempre attribuidas a occupações sérias e graves: visitar igrejas, visitar amigos, consultar alfarrabios da Bibliotheca... Só o José Elias não ignorava que «aquelle menino» passava os dias jogando bilhar pelos botequins e divertindo-se na companhia de certas mulheres tentadas pela sua forte e alegre organização meridional. Comtudo, por prudencia, não revelou coisa alguma. Uma só vez, fazendo-se encontrado com elle no quintal, disse-lhe:

— Olha lá. Tu tens tenção de ficar assim toda a vida?

— Assim, como?

— Assim, de braços cruzados, sem fazeres nada, só em passeios e folganças!

— Então que hei-de eu fazer?

— Tratar de vida. E' uma vergonha, até, vêr um homem cheio de saude e que, graças a Deus, não é bruto, andar por ahi, sem prestimo p'ra nada! E depois, meu amigo, ninguem sabe a sorte que te espera. Com o que tens, não podes viver sem trabalhar. Lá está a papelada da minha madrinha, que cuidou de ti, mas isso, só d'aqui a anno e meio é que t'a posso dar... E, inda assim, quem sabe lá o que aquelles papeis têm?... Tanto póde ser uma riqueza, como, com licença, um pouco de esterco! Se tu és filho do Placido Pimenta, e o dinheirame te vem dar ás mãos, bem estás; mas se não?... Tu nunca pensaste n'isto?

— A fallar verdade, não, senhor.

— Pois melhor era que pensasses, em lugar de andares por ahi a vadiar com pessoas de pouco mais ou menos.

— Eu?!?

— Sim, tu. Cuidas que eu não sei em que levas a vida? Patranhas, já as não como ha muito tempo; isso é bom lá para as mulheres que te julgam um santinho. Que isto, é por fallar; tu fazes o que quizeres, já tens idade p'ra te saberes governar. Se digo isto, é p'ra teu bem. D'aqui a anno e meio, se eu viver, acaba-se-me a obrigação de cuidar de ti. Por isso, meu amiguinho, o bem ou o mal que fizeres, bem cedo o pagarás.

E, com um risinho secco, deixou Estevam aturdido na sombra de uma enorme nespereira cujo tronco o José Elias rodeara com uma bandada de pinho d'um suggestivo bucolismo que elle ás vezes completava, jogando ali as damas com um escrívão seu compadre.

O quintal do sacristão era grande, retalhado de hortas sempre prosperas e bem cuidadas; e, livre da curiosidade de visinhos por confinar apenas com planuras despovoadas de quintas, tinha a saudavel apparencia, de um passal de abbadia rica. A nespereira a cuja sombra Estevam ficara, assombrado, pelas palavras duras do sacristão, erguia os seus ramos longos e negros no extremo do quintal, transpondo, com a ramagem mais alta, o muro que o vedava. O rapaz, abismado nos seus pensamentos, riscava abortos a terra arenenta do solo, com uma vareta de vime, que ás vezes, a um gesto brusco de raiva, cortava o ar com agudo silvo. As admoestações do Elias, tinham-no deixado estupefacto; e as suas esturdias, cujo segredo elle julgara nunca ter sahido do pequeno circulo de amigos com quem se associava, denunciadas assim, com uma benevolencia rudeza, por esse homem que elle se habituara a olhar como pae, davam-lhe phrenesis incoherentes, em que o principal sentimento que o dominava, era um absurdo rancor contra a sagacidade coscovilheira do Elias.

— Sacrista de borra! — bramia elle, ás vezes, condensando n'aquella phrase, a indignação que o agitava. E, retalhando o ar com a vergasta, de novo se recolhia ao confuso problema das suas cogitações.

Havia quasi uma hora que ali estava, quando uma, aria lenta, especie de melopeia religiosa, docemente cantada por uma vozinha feminina, lhe feriu o ouvido. Esquecendo pezares, Estevam prestou attenção. A voz vinha do outro lado do muro, e parecia aproximar-se, n'uma cadencia arrastada de litania. Sem reflectir bem no que fazia, Estevam pôz-se de pé na bandada de pinho que contornava a nespereira; de ahi, passou a um braço da arvore e d'esse a outro, até que, afastando algumas folhas, pôde descobrir no extremo de um jardim, sentada na sombra de uma enorme tilia, a encantadora creatura cuja vozinha o despertara.

Enramava uma regaçada de flores que andara colhendo. Estevam, a principio, só pôde distinguir uns cabellos, d'um loiro tostado, compostos n'um penteado familiar, e um busto fino, de nitida delicadeza de curvas cingido por uma severa toilette preta. Mas a desconhecida, erguendo-se de novo, deixou-lhe vêr, durante alguns segundos, a deliciosa alvura do perfil, que uns olhos azues illuminavam e como que diluam n'uma infinita expressão de sonho.

Um irreprimivel movimento de estupefacção, desequilibrou-o, exactamente no instante em que a adoravel creatura passava rente ao muro que os separava. Ao ruido das folhas, ella ergueu os olhos vagamente receiosos; e ao vêr aquelle homem debatendo se entre os gassos da arvore, com o olhar fito n'ella, soltou um pequeno grito

São volvidos vinte annos. O homem glorificado por aquella forma, acaba de fallecer, tendo pouco antes perdido os privilegios que á sua memoria seriam devidos. A catastrophe conhecida pelo nome de Panamá, veio roubar-lhe essa adoração.

Hoje que o pobre ancião baixou ao esquecimento dos tumulos, registe-se a sua morte como a de um homem ao qual a Europa e o mundo muito devem.

Homem extraordinario que concebeu modificar a natureza e que a modificou.

Desfazendo em parte a obra do Creador, Lesseps é considerado, apesar de tudo, como o maior genio. Calem-se as hossanas entoadas em louvor das grandes pontes e dos maravilhosos tunneis unindo abysmos ou ligando planaltos atravez de largas montanhas, que nada de mais sublime e grandiosa concepção e arrojo do que a immensa obra do canal de Suez. Tudo é mesquinho quando comparado.

Lesseps, achando a solução para o problema da maior rapidez de navegação, immortalizou o seu nome e com tal brilho que os seculos não terão pó que possa esmaecer a aureola que o circunda.

E embora, no ultimo quartel da vida ao grande heroe, pretendessem empanar essa grandeza, ha dois annos, envolvendo o venerando velho na lama do Panamá, essa catastrophe de caracteres e de individuos impulsados pelo interesse cubiceo e desmedido; a Historia, no seu crysol ainda depurará este glorioso nome, cobrindo o com a gratidão a que tem direito.

RIO DE JANEIRO

Já temos publicado varias estampas representando a cidade do Rio de Janeiro. A que ora apresentamos mostra mais especialmente a grande alfandega.

Por repetidas vezes aqui havemos fallado largamente d'essa cidade d'alem Atlantico, e ainda por occasião da triste guerra civil que durante mezes a assolou, escrevemos largas noticias subjectivas e a ellas remettemos os nossos leitores que precisarem dados mais importantes.

Parece que enfim a formosa cidade está completamente socegada, e para isso concorreu não só o termo da guerra civil como tambem a elevação do novo presidente da republica dr. Prudente de Moraes, eleito em abril d'este anno.

FRANCISCO MAGNARD

Le Figaro, esse periodico francez, tão conhecido na Europa, perdeu no dia 20 de novembro o seu proficiente director Francisco Magnard, o qual era um dos jornalistas francezes de maior merito, e que succedera na direcção do *Figaro* a Villemessant.

Francisco Magnard nasceu em Bruxellas, a 11 de fevereiro de 1837, todavia provinha de familia franceza. Seus paes levaram-no para Paris para ahi fazer a sua educação ecclesiastica, mas não sendo essa a sua vocação, em vez de sacerdote, tornou-se funcionario publico.

Em 1863, empregou-se na administração do *Figaro*, que então era bi-semanal, publicando por esse tempo alguns artigos que agradaram tanto ao publico como a Villemessant, director do periodico, e quando este passou a ser diario, levou Magnard para a redacção, encarregando-o da secção intitulada *Revista da imprensa*, em que deu tão bella conta de si que em breve chegou a redactor em chefe, e por ultimo a director, em 1879, anno em que morreu Villemessant.

Nas suas mãos chegou o *Figaro* á grande importancia que todos conhecem e que nenhum outro periodico, pelo menos francez, soube conquistar.

Os seus artigos distinguiram-se pela concisão e clareza do sentido. Era um articulista pouco vulgar.

Como litterato deixa Francisco Magnard varias novellas, alguns opusculos e a parte que teve na collaboração de uma revista theatral que se apresentou em 1868 no *Menus Plaisirs*.

* Vejam-se pag. 3 e seguintes do presente volume.

e, apanhando as saias, n'um gesto breve e cheio de graça, fugiu, n'uma corridinha de ave, aureolada pelo oiro dos cabellos que o vento levantava.

Estavam, momentos depois, quando entrou em casa, tinha um aspecto concentrado, trahindo graves preocupações. Respondia evasivamente ás perguntas que lhe faziam, e achando-se, por acaso, só com Clara, n'um corredor afastado, encarou-a de tal maneira que a rapariga bradou:

— Com que cara tu estas hoje!...

— E' a mesma dos outros dias, — redarguiu, com brutal azedume.

— Ai, tu hoje estás com a telha?

— E' como vês.

— Sim?... — tornou a rapariga, despeitada. — Então adeusinho! Quando estiveres melhor, manda dizer.

— Saude e bichas!

Esta disposição de animo do rapaz, durou ainda muitos dias, com pequenas variantes, abrindo nas suas relações com Clara, um interregno pueril, em que ambos affectavam reciproca indifferença. Estavam, agora, sahia muito; andava alheado, ab-sorto, com uma luz estranha no olhar. A's tardes, depois de jantar, descia invariavelmente ao quintal, com uma gazeta ou com um livro, e por lá ficava, debaixo da nespereira, enquanto a familia adoptiva não tavadia aquelle local que tão grato parecia ás suas meditações. Este prazer de se isolar, já fôra notado pela sr.^a Domingas:

— Porque brazabum, fugiré elle, logo que nós chegamos ao quintal?... — scismava ella, dirigindo á filha a interrogação.

A Clarinha, que estava despeitada e arrufada, respondeu seccamente:

— Ora!... Aquillo é bôlha!...

— Cruzes! nem que nós fossemos o maffarrico! Some-te, carépa!

José Elias, explicava as coisas de outro modo:

— O rapaz traz desgosto, é o que é! E se não é desgosto, é a mania do avô, do Hilario Pimenta, a trabalhar-lhe na moleira.

Mas nem a Clarinha com a sua conjectura severa, nem o José Elias com as escavações phisilogicas na ascendencia do rapaz, attingiam a verdadeira causa do phenomeno; esta, quem a poderia denunciar, era a velha nespereira que todos os dias ajudava, com os seus ramos, as investigações anciosas que Estavam fazia n'esse jardim visinho, onde, certa manhã, uma inolvidavel appareição deixara na sua alma o rastro de uns cabellos loiros e a macieza tepida d'um olhar azul...

Sim! Desde aquelle dia, nunca mais a imagem d'essa creatura maravilhosa tinha abandonado as suas recordações; e tão amplo dominio tomou, no seu coração, esse amedrontado olhar que ella lhe lançara antes de fugir, que o seu amor por Clara, expulso violentamente de si, apagou-se logo, sem deixar sequer o perfume de uma saudade.

Imediatamente fez indagações. Sabia que aquelle jardim era propriedade de uns brasileiros, por ter ouvido o José Elias chamar-lhes os visinhos di' lá; e, procedendo a investigações topographicas, descobriu que a casa a quem pertencia o jardim, devia ser um palacete sombrio e conventual que elle, até então vira indifferentemente n'uma rua proxima.

Durante muitos dias, fez rondas incessantes por perto do casarão; e mas a repetida intelicidade das esculpas, começou a impacienta-lo; e um dia, fatigado de tantas emoções inuteis, resolveu abandonar aquella campanha de amor chimerico.

Com a desolação de este mau successo, o arrendimento de ter sacrificado Clara, invadiu-o bruscamente: olhava-a, de longe, com melancolias de contricção, uma vaga supplica n'algum furtivo gesto... — Ella parecia não o comprehender; e do alto do seu desdem de mulher offendida, o olhar que lhe lançava era cada vez mais frio e desesperançoso.

(Continúa).



REVISTA POLITICA

Depois do encerramento das côrtes, vieram os manifestos e os comicios; os que já se realisaram e os que se projectam realizar.

Era de esperar, porque tem sido esta a pratica seguida depois que se preferiu a praça publica ao parlamento, e os manifestos aos artigos de fundo.

Esta preferencia, porém, nem sempre tem dado resultados satisfatorios, e para o reconhecer não precisamos deitar a livraria abaixo, nem fazer profundas investigações no passado, basta recuarmos uns cinco mezes para vermos o *fiasco* dos manifestos e das reuniões, que não conseguiram abalar ninguém.

E como não hade ser assim, se n'esses manifestos e n'essas reuniões falta o principal elemento de vida para terem incremento, para se impõem: falta lhes a sinceridade e a convicção, superabundando as ambições comesinhas.

Sim! senhores politicos, se vós não tendes convicções como quereis que vos acreditem, se não sois sinceros como vos hade escutar o povo e levar-se pelas vossas palavras?

Em que se funda racionalmente a grande opposição que os progressistas, de braço dado com os republicanos, estão fazendo ao governo?

Que tem este governo de melhor ou de peor



FRANCISCO MAGNARD

FALLECIDO EM 20 DE NOVEMBRO DE 1894

que outros, que ha tantos annos tem dirigido es negocios publicos?

Que impolutos são estes que se levantam agora para administrar o paiz, se já tiveram o governo na mão e cahiram pelas mesmas causas ou outras semelhantes, porque estão agora combatendo o actual governo?

Que outras idéas tem de administração, que não sejam os processos seguidos até hoje, e que terão de continuar, sob pena de se revoltar o paiz inteiro, taes são os vicios e erros administrativos inveterados, que não permittem sequer a possibilidade de se administrar d'outro modo.

Vós, senhores politicos, sabeis isto perfeitamente, como o sabem todos que alguma vez tem pensado a serio na administração da fazenda publica, e se o sabeis, que significa essa comedia que andaes agora representando?

E' mais um acto d'esta velha farça, que já cahiu na semsaboria dos *chê-chês* de terça feira gorda. O manifesto da opposição, não trouxe novidade nenhuma, a não ser a do chefe do partido progressista não o ter assignado, assim como o sr. Dias Ferreira.

N'esse manifesto relatam-se os factos occorridos na camara, que determinaram o governo a fechar o parlamento, coisa que toda a gente sabia, e pro-

cura desculpar-se a opposição conforme pôde, deitando as culpas de tudo ao governo.

Ao comicio, que se realisou na praça de touros do Campo Pequeno, concorreram cerca de quatro mil pessoas, que arrostaram com as bategas d'agua que cahiram das alturas, para ouvirem discursar os srs. Beirão, Eduardo d'Abreu, Gomes da Silva, etc., o que, emfim, não sabemos se valeria muito a pena, apesar da reconhecida eloquencia dos oradores.

Tudo isto para pugnarem pelos direitos da Liberdade offendida, esta pobre Liberdade a que todos teem feito as maiores partidas.

Agora prepara-se um novo manifesto, que sae da egreja dos Navegantes, e dispõem-se as coisas para um comicio no Porto, outro em Setubal, e assim por diante, contando com isto agitar todo o paiz.

Ora nós ainda conhecemos o ultimo homem que tinha o poder prestigioso de agitar o paiz, e quando elle fazia das suas, ninguém o sabia, porque elle não fazia programmas nem preparava o *mis-en-scene*, como estes patriotas de agora, aspirantes á popularidade.

Não fazia nada d'isso.

Quando as coisas não corriam bem, e elle entendia de as melhorar, fazia a sua pela calada, e quando menos se pensava na revolta, ella apparecia uma bella noite ou uma bella madrugada, e o que esse homem queria fazia-se.

Esse homem era o duque de Saldanha, o vencedor de cem batalhas, cujo nome enchia de orgulho o seu paiz, porque elle honrava-o em toda a parte onde apparecia, desde a Europa até á America, com a bravura da sua espada, com o grande prestigio da sua auctoridade.

Que pygmeus nos parecem estes agitadores d'agora, em que ninguém acredita!

Elles barafustam, esbravejam, e o povo contempla-os alvarmente, sem sentir estremeceer a mais tenue fibra do sentimento embotado pela mais desoladora descrença.

Esse homem cujo prestigio transpunha as fronteiras de Portugal, custou algumas centenas de contos ao paiz, mas morreu pobre porque dava tudo que tinha.

Os politicos d'agora não custam mais barato e o prestigio que teem não passa além dos humbraes da sua porta.

E é no meio d'esta decadencia moral que quereis agitar o paiz, senhores politicos?!

Com quê, e para quê?

Estes politicos parece que andam á disputa de qual ha-de ser o cangalheiro d'esta nacionalidade.

Vade retro.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A geração nova, *journal d'arte*, n.º 11.

Eis um *journal d'arte* com muito pouca da mesma.

Com tres retratos em oito paginas, pouco se recommenda esta revista pela collaboração litteraria.

N'este numero annuncia a administração mundos e fundos nas proximas folhas.

Que assim seja.

ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE»

Para 1895

Já está publicado e á venda este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando a Batalha das Flores no Campo Grande.

Preço 200 réis — pelo correio 220 réis.

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C.^a